



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras - IL

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução - LET

Curso de Letras – Habilitação em Língua e Literatura Japonesa

A Evolução da Literatura *Zainichi Chousenjin*: da Colonização a Yu Miri

Ana Gabriela Lobato Silva

Orientadora: Donatella Natili

Brasília, 1º semestre de 2011

ANA GABRIELA LOBATO SILVA

**A Evolução da Literatura *Zainichi- Chousenjin*:
da Colonização a Yu Miri**

Monografia apresentada ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito para a graduação em Letras – habilitação Língua e Literatura Japonesa, sob a orientação da professora Donatella Natili.

Brasília, julho de 2011



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras - IL

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução - LET

Curso de Letras – Habilitação em Língua e Literatura Japonesa

A Evolução da Literatura *Zainichi- Chousenjin*: da Colonização a Yu Miri

Aprovada por:

Professora orientadora: Donatella Natili

Professor: Ernesto Atsushi Sambuichi

Professor: Ronan Alves

Brasília, 08 de julho de 2011.

Sumário

Resumo.....	1
Abstract.....	2
1.Introdução.....	3
1.1.Justificativa.....	5
1.2.Metodologia.....	5
2. A ocupação pelo Japão da Península coreana e a animosidade entre os dois países.....	6
3.Literatura <i>Zainichi</i>	9
4.Yu Miri: Uma Breve Biografia.....	13
5.Full House (フルハウス).....	16
5.1.Resumo.....	16
5.2.Reflexos autobiográficos.....	17
6.Conclusão.....	23
7.Bibliografia.....	25
8. Anexo Nº1 – <i>Full House</i> (Tradução por Melissa L. Wender).....	29
9. Anexo Nº2 – フルハウス(Furu Hausu - Texto original, Yu Miri, 1996).....	29

Resumo

Este trabalho se propõe apresentar a literatura das minorias étnicas do Japão, especificamente o caso dos coreanos residentes, e alguns de seus aspectos. Como exemplo de autor bem sucedido, há a apresentação e análise de alguns aspectos da obra de uma das mais bem sucedidas escritoras *zainichi*¹ da literatura contemporânea do Japão, Yu Miri, a partir da leitura do premiado *Furu Hausu* (“Full House”, 1996²).

A estrutura deste trabalho também inclui uma seção histórica tratando do surgimento da literatura *zainichi* e dos seus principais representantes e uma breve discussão sobre a relação Japão-Coréia. Além disso, para contextualizar o conto, há um breve perfil biográfico da escritora Yu Miri.

Este estudo, pela sua originalidade no âmbito das pesquisas literárias sobre o Japão, pode ser considerado pioneiro no Brasil, e almeja abrir uma nova área de estudos em nosso departamento.

¹*Zainichi* (在日) significa literalmente “estar no Japão”, o termo indica os estrangeiros que fixaram residência no Japão. Antigamente o termo era vinculado exclusivamente aos coreanos que migraram no Japão após a anexação da península coreana como colônia japonesa; *Zainichi kankokujin/kitachousenjin* (在日韓国人/北朝鮮人).

²Em 1996, “Full House” foi premiado com o 24º Izumi Kyoka Shou de literatura. (Fonte: La Valse de Miri, site oficial).

Abstract

The aim of this work is to show the literature of the ethnic minorities in Japan, specifically the case of resident Koreans and some of its aspects. As example of well-succeeded writer, there is an introduction and analysis of some aspects of the work of the one of the one of the most well-succeeded *zainichi* writers of contemporary Japanese literature, Yu Miri, from the analysis of one of her novel, the prize-winning *Furu Hausu* ("Full House", 1996).

This work also includes an historic section about the *zainichi* literature's emergence, its main representatives and a brief discussion about Japan-Korea relationship. In order, to context and analyze the novel, there is a brief biographic profile of the writer Yu Miri.

This study, by its originality in the field of literature researchers about Japan in Brazil, can be considered pioneer, and yearn to open a new study area in our department.

1. Introdução

A identidade nacional japonesa é fruto de vários séculos de absorção, transformação e recriação cultural. Um grande período de isolamento possibilitou o desenvolvimento de uma cultura singular e imponente. Olhares externos são levados a identificar o Japão como um país culturalmente homogêneo e, principalmente, como um povo etnicamente uniforme. Porém, um dos maiores mitos que envolvem a sociedade japonesa é justamente o da unidade étnica.

Os meios transmissores de conhecimento juntamente com o fato de que, para ser japonês é necessário ter sangue japonês, sendo raros os casos de naturalizações, induzem a nós, estrangeiros, a vermos o País do Sol Nascente como uma homogenia étnica. Porém, desde a origem do Japão, sempre estiveram presentes minorias étnicas ou sociais que diversificam o mosaico racial nipônico. Tais minorias, que chegaram ao Japão em períodos diferentes, podem ser divididas em três categorias: Primeiramente as minorias nativas, os chamados *Ainu* (caucasóides, atualmente concentrados na ilha de *Hokkaido*), *Okinawanos* (nativos da ilha mais ao sul do arquipélago japonês) e *Burakumin*³ (os párias da era *Kinsei*); em seguida os coreanos trazidos ao Japão antes e durante a Segunda Guerra Mundial e seus descendentes; por último, e mais recentemente, os emigrantes vindos de outras partes da Ásia e da América Latina que chegaram ao Japão com o propósito de trabalhar⁴. Neste trabalho iremos considerar o segundo grupo, coreanos residentes, também chamados de *zainichi chousenjin*.

A Coréia foi um dos primeiros países a desenvolver relações exteriores com o Japão. Tanto relações pacíficas, como o intercâmbio cultural de monges budistas no período Nara (710~784 d.C), como relações conflituosas, como a tentativa de invasão à península em 1592, quando se deu a morte de Toyotomi Hideyoshi. Em 1910, o Japão anexou a chamada “Nação Eremita” como colônia e, como consequência, teve início um grande fluxo migratório entre

³Os Burakimin (部落民) não são considerados uma minoria étnica e sim uma minoria social. Apesar do sistema de classes sociais implantado no período Azuchi-Momoyama ter sido abolido na restauração Meiji, devido ao passado de intensa discriminação devido a sua função social considerada “impura”, os burakumin ainda enfrentam preconceito e discriminação, principalmente quando pleiteiam uma vaga de emprego ou quando tentam se casar.

⁴ Howell, 1996, p.171.

ambos os povos. De fato, oficiais japoneses e mesmo pessoas comuns começaram a estabelecer residência na península coreana. Da mesma forma, coreanos que fugiam da pobreza ou jovens de famílias mais abastadas, migravam para o arquipélago, ou em busca de melhores condições de vida ou em busca de maior nível de instrução.

Após o final da II Guerra, vários desses imigrantes optaram por fixar residência no Japão, uma vez que a sua terra natal, apesar de livre da lei colonial, estava dividida e em meio a uma guerra. Estes indivíduos que decidiram ficar no Japão, vivendo em uma condição ambígua, nem coreanos, nem japoneses, sendo denominados de *zainichi* (在日), termo que significaria "permanecer no Japão". São considerados sempre etnicamente coreanos, independentemente do tempo que suas famílias vivem no Japão e de sua formação cultural absolutamente japonesa. Estes indivíduos tornaram-se alvo de discriminação por parte dos nativos que os consideravam inferiores e atrasados. Porém, com o tempo, este grupo integrou-se de tal forma à sociedade japonesa que seus descendentes pouco conhecem sobre a terra natal de seus pais ou mesmo da língua falada por eles. Integraram-se e passaram a contribuir com esta sociedade em diversas áreas, dentre elas, a literatura.

O presente trabalho tem como objetivo geral a apresentação da literatura *zainichi chousenjin* no Japão. E tem como objetivos específicos 1) a apresentação de uma autora de origem *zainichi chousenjin*; e 2) a apresentação de uma das obras da escritora em questão.

Para atingir tais objetivos, o primeiro capítulo tratará da contextualização histórica, ou seja, a relação Coreia-Japão, de suas prováveis origens até o período de ocupação da península Coreana pelos japoneses. O capítulo seguinte apresentará um panorama da literatura *zainichi chousenjin*, com seus precursores e principais nomes, com o objetivo de contextualizar literariamente esta categoria. Os dois capítulos que se seguem apresentarão, respectivamente, a romancista de origem *zainichi chousenjin*, Yu Miri, reconhecida por sua competência literária, dentro e fora da categoria "Literatura *Zainichi*"; e o conto *Full House* (Furu Hausu, 1996), uma amostra desta bem sucedida carreira literária. Estes dois objetivos específicos se propõem a destacar, de forma exemplificativa, o que é proposto no objetivo geral.

1.1 – Justificativa

Tecnologia, ruas cheias de gente, modernidade, kimonos, cerejeiras em flor, gueishas. A sociedade ocidental tende a ver o Japão desta forma: como um país moderno e cosmopolita que une a tradição a modernidade. Um país homogêneo tanto etnicamente quanto culturalmente. Poucos sabem da existência dos grupos étnicos e sociais minoritários e de sua situação social. É interessante mostrar uma visão de Japão diferente do estereótipo. A razão da escolha do tema deste trabalho é o desejo de, por meio da literatura, apresentar uma visão diferente do mesmo objeto. O grupo dos *zainichi* coreanos foi o escolhido devido à história forte das relações entre Coreia e Japão e devido à situação de seus indivíduos na sociedade japonesa. Yu Miri foi a autora escolhida como exemplo de literatura *zainichi* devido ao seu sucesso dentro e fora do âmbito literário.

1.2 – Metodologia

A metodologia para a produção deste trabalho se baseou na pesquisa e leitura de materiais relacionados ao tópico, na leitura do conto a ser trabalhado no último capítulo e em pesquisas sobre a vida da autora, Yu Miri, e sobre os autores citados no capítulo “Literatura *Zainichi*”.

Os dados históricos também foram levantados, e comparações de datas e períodos foram realizadas para identificar a situação de cada país (Coreia e Japão) durante os períodos a serem citados no texto.

Com base nos dados recolhidos a respeito da vida pessoal de Yu Miri, uma nova leitura do texto foi realizada, desta vez, destacando os pontos em comum com a vida da autora, visando relacionar biografia e obra.

2. A ocupação pelo Japão da Península coreana e a animosidade entre os dois países

Entre Coréia e Japão existe uma animosidade que vem sendo cultivada durante séculos e se intensificou durante a era Meiji (1868 - 1912), com a modernização japonesa, sua expansão militar e a conseqüente anexação da península coreana. Trata-se de um assunto delicado e que deve ser analisado com imparcialidade, apresentando as duas visões, a fim de evitar instigações desnecessárias baseadas em conceitos pré-formados.

Ao realizar sua expansão militar na Coréia, Taiwan, ilhas Sacalinas e Manchúria, o Japão intencionava mudar seu quadro econômico e político, com isto, iniciou um ciclo capitalista através de industrialização e modernização, tornando-se assim, uma grande potência asiática, equiparando-se aos Estados Unidos e aos modernos países europeus.

Com objetivo de dar suporte à modernização japonesa, a anexação dos territórios supracitados implicava, também, em investimentos em modernização, pois eram, em sua maioria, regiões agrárias e pobres. De fato, muito da urbanização e modernização vivida por tais territórios foi graças à ocupação japonesa. No caso da Coréia, durante o século XX, uma vez que os japoneses intencionavam transformá-la em uma parte do Japão, modificações se faziam necessárias. Logo uma série de medidas foram tomadas para adaptar a realidade local à realidade da colonização. Medidas que irritaram e acabaram por ofender a população local. Para entender o sentimento do povo coreano, é necessário estar ciente de alguns detalhes que por vezes, estudando apenas a história do Japão, não temos consciência.

A relação Japão - Coréia se intensificou por volta da era Nara, neste período os japoneses importavam ensinamentos budistas através de monges de origem chinesa ou coreana. Naquela época, devido ao contato mais próximo e a um intercâmbio cultural mantido há mais tempo com a China, a Coréia era um país mais desenvolvido que o Japão no âmbito cultural. De fato, a nação coreana é tão ou mais antiga que a japonesa. A partir de clãs que se agruparam para formar pequenas cidades estados, três reinos emergiram na península coreana e na parte que hoje é conhecida como Manchúria: Goruryeo (73 A.C. – 668D. C.) Baekje (18 A.C. – 660 D.C.) e Silla (57 A.C. – 935 D.C.).

Silla unificou a península em 668 e, desde então, a Coreia manteve um governo único, bem como uma independência política e identidade cultural étnica, tendo este quadro alterado apenas em 1910 com a colonização japonesa⁵. Diante de tal realidade podemos inferir que durante a era Meiji os coreanos tinham um senso de identidade e de nação tão forte e definido quanto o dos japoneses e diante da chegada da lei colonial, com suas medidas radicais, a população se sentiu oprimida. Medidas que iam desde a troca de nomes por outros que “soassem” japoneses até a proibição do ensino e utilização da língua coreana em qualquer âmbito, tinham por objetivo apagar qualquer traço de “coreanidade” e tornar a península coreana o mais japonesa o possível⁶.

Outras ações permitidas pelas autoridades japonesas também não podem ser ignoradas quando tratamos do período de ocupação nipônica da península coreana, tais como o assassinato da imperatriz Myeong-Seong. Uma mulher de forte personalidade que era uma grande opositora dos japoneses e, devido a esta postura, foi morta e teve seu corpo queimado dentro do palácio imperial coreano. Os trabalhos forçados a que foram impostos aos coreanos durante os anos da Segunda Guerra Mundial, em fábricas e minas, a fim de dar suporte ao exército imperial. As duras repressões aos membros dos movimentos de independência, muitas vezes calados com torturas e brutais assassinatos. E por fim o seqüestro de mulheres coreanas que foram mantidas como prisioneiras e utilizadas como escravas sexuais pelo exército. Segundo Bukh (2007) aproximadamente 10 mil mulheres foram vítimas dessa ação.⁷

Durante décadas após a liberação da Coreia, o Japão se recusou a admitir a existência de práticas como essas, e mesmo tendo posteriormente reconhecido, ainda se recusa a pedir perdão às vítimas sobreviventes. Isto porque em 1965, a Coreia, que estava extremamente pobre e destruída pela guerra entre a sua metade sul e a metade norte, negociou com o Japão uma indenização a ser paga como forma de reparação pelos danos cometidos pelos japoneses durante a segunda guerra mundial. Para as autoridades japonesas

⁵ Fonte: Agência de Informação do Governo Coreano, Fatos sobre a Coreia, p.21.

⁶ Fonte: KBS World, History of Korea.

⁷ Bukh, 2007, p.688.

esse acordo encerrou todas as obrigações do Japão com relação a suas ações durante a ocupação da Coreia.

3. Literatura *Zainichi*

Durante a era Meiji, o Japão viveu um rápido período de modernização e industrialização estabelecendo-se como uma das grandes potências mundiais. Porém, problemas estruturais, como a falta de recursos naturais, ameaçavam interromper ou até mesmo suspender definitivamente este progresso. Visando uma solução para esta ameaça, o país iniciou uma operação militar de expansão territorial que, em poucos anos, resultou na anexação da Coreia, Taiwan, ilhas Sacalinas e da Manchúria.

Especificamente, a anexação como colônia da península coreana, que desde 1905 era mantida em uma relação de protetorado com o Japão, ocorreu em 1910. A partir de então, as autoridades japonesas empregaram todos os esforços para domar o espírito do “País Eremita”, tentando apagar a identidade cultural de seu povo e tornando-o cada dia mais japonês. Oficiais japoneses mudaram para a colônia com o intento de apoiar o novo governo que foi instalado na capital, Seul. Incentivadas pelo governo, pessoas comuns também se instalaram no novo território. Em sua maioria agricultores e pescadores que, devido a sua nacionalidade japonesa, adquiriram terras gratuitamente ou a baixo custo.

Não obstante, devido à situação de pobreza, privação e escassez de alimentos vivida por parte da população local, os coreanos também passaram a emigrar para a Manchúria ou para o arquipélago japonês em busca de melhores condições de vida. Certas famílias que possuíam melhores condições financeiras também passaram a mandar seus filhos para o Japão à procura de instrução acadêmica em um nível mais elevado.

Muitos destes jovens coreanos, uma vez inseridos na sociedade japonesa, acabaram envolvidos em política e começaram também a produzir vários tipos de literatura em língua japonesa. Porém, como boa parte destes estudantes viveu no Japão apenas um período de tempo e depois retornou para seu país natal, tornando a produção em idioma japonês apenas um íterim de suas carreiras, vários estudiosos não consideram sua literatura como “literatura *zainichi*”⁸.

⁸ Wender, 2011, p.02.

Grande parte dos autores da literatura acima citada é descendente dos indivíduos que emigraram para o Japão por motivos financeiros, porém, os primeiros grandes nomes, precursores da literatura *zainichi*, Kim Sa Ryang (1914 – 1950?) e Noguchi Kakuchuu (Noguchi Minoru/Chang HyeokChu, 1905 - 1997), tiveram motivações diferentes para fixar residência no Japão. Kim mudou-se por motivos de estudo e Noguchi foi como um autor com histórias já publicadas. Suas obras mais expressivas foram, respectivamente, *Hikari no naka ni* (“Into the light”, 1939) e *Gakidou* (“Hell of the Starving”, 1932)

A suas obras, apesar de ter exercido um grande impacto no que seria produzido em seguida, não é considerado literatura *zainichi*. Segundo Kawamura a “literatura *zainichi*” pode ser definida como a literatura produzida em japonês por um autor de descendência coreana vivendo no Japão, e que trata da identidade étnica e de problemáticas enfrentadas por os *zainichi* como consequência de sua etnia⁹. O fato de terem mudado para o Japão já na fase adulta, serem totalmente fluentes e capazes no tocante à língua e cultura coreana, podem ser apontados como os principais fatores para separá-los dos autores que os seguiram.

O escritor considerado o “Pai da literatura *zainichi*” chama-se Kim Tal Su (1919 - 1997). Apesar de não ter nascido no Japão, mudou-se para lá ainda criança, sendo assim considerado da primeira geração *zainichi*. Kim Tal Su possui a alcunha citada por “padecer” da mesma luta interna que toda a primeira geração de imigrantes, em qualquer país, sofreria: voltar para a terra natal (como fez Kim Sa Ryang), aceitar a colonização e se naturalizar (como fez Noguchi Kakuchuu) ou viver em um estado híbrido. Kim decidiu viver sempre no limite entre as duas culturas, nem coreano nem japonês, sendo assim, considerado o precursor da literatura dos coreanos residentes no Japão. Apesar de escrever obras de ficção, os elementos autobiográficos conferem uma parcela de verossimilhança às obras, e esta característica se fará presente na produção da maioria dos autores *zainichi* subsequentes. Em seu conto *Fuji no mieru mura* (“In the Shadow of Mount Fuji”) Kim Tal Su apresenta uma interessante comparação da situação de discriminação vivida pelos *zainichi* com a vivida pela minoria nativa *burakumin*.

⁹ Kawamura, 1995, p.213, citado em Wender, 2011, p.03, nota de rodapé.

Outro grande nome desta primeira geração é Kim Seok Peom (1925 -). Apesar de ter nascido em Osaka, Kim passou grande parte de sua juventude na terra natal de seus pais, a ilha de *Cheju*, também conhecida como *Chejudo*. Sua obra tem como foco a nostalgia do passado vivido na Coreia, mais especificamente em *Chejudo*. Além de sua produção literária, Kim Seok Peom também escreveu críticas literárias. Nos anos 70, publicou uma série de ensaios, que mais tarde, seriam compilados sob o título de *Kotoba no Jubaku* ("The Curse/Spell of Words") e que contribuíram para definir e estabilizar a Literatura *Zainichi* como gênero literário¹⁰.

Entre o final da década de 60 e meados da década de 70, várias denúncias de discriminação contra os coreanos residentes e uma série de incidentes e crimes os envolvendo, tornaram a situação desta comunidade mais conhecida para o público mais amplo. Casos como *Pak x Hitachi*, onde um jovem, Pak Cheong Seok, foi dispensado pela empresa Hitachi Software após revelar sua origem, provocaram a simpatia pela causa *zainichi* na comunidade internacional e mesmo entre os próprios japoneses. Foi talvez este cenário a influenciar a escolha do prêmio Akutagawa de literatura de 1972 que foi concedido pela primeira vez a um escritor *zainichi*: Ri Kaisei (1935 -) por seu romance semi-autobiográfico *Kinuta wo utsu onna* ("The Woman Who Filled Clothes", 1970).

Na década de 80 surgiu na cena literária Yi Yang Ji (1955 - 1992), a primeira mulher *zainichi* vencedora do prêmio Akutagawa. Seu romance premiado, *Yuhi* (1989), inova falando abertamente sobre a dificuldade de ser culturalmente japonês, porém estar excluído da sociedade devido ao "sangue coreano" e sobre o mito do retorno à pátria mãe, que para os antigos seria a solução de todos os sofrimentos e para os mais jovens apenas traria mais conflito e dúvida. Infelizmente, a carreira de Yi Yang Ji foi interrompida por uma morte precoce aos 37 anos devido a uma súbita doença.

A partir da década de 90, o cenário vivido pelos autores acima citados muda totalmente. A emergência da Coreia do Sul como potência mundial, o declínio da Coreia do Norte e uma nova realidade do Japão como país cosmopolita, nos apresenta também uma nova geração de autores *zainichi*.

¹⁰ Wender, 2011, p.08.

São escritores híbridos: culturalmente, linguisticamente e mentalmente japoneses, porém etnicamente coreanos. Yu Miri (1968-) e Kaneshiro Kazuki (1968-) são os dois nomes que se destacam nesta “nova geração”.

Nascidos no mesmo ano, Yu e Kaneshiro foram ambos reconhecidos pela crítica com importantes prêmios literários. Yu Miri, a autora tema deste trabalho, recebeu o *Kishida Shou* de drama¹¹ e ambos receberam o *Akutagawa Shou*. O primeiro romance de Kaneshiro, *GO!*(2000), com seu ritmo dinâmico e linguagem jovem foi um grande sucesso de vendas, adaptado para o cinema e, mais tarde, lançado em formato DVD com legendas em língua inglesa. Yu, por sua vez, ganhou fama e tornou-se uma celebridade conhecida graças à sua obra e à sua boa aparência que lhe rendeu o apelido de “Meryl Streep asiática” pelo jornal americano *The New York Times*¹². Seu livro *Gold Rush* (1998) foi traduzido para o idioma inglês e tornou-se a primeira obra de um *zainichi* a ser traduzida integralmente no exterior.

Desde o início do século XXI, a Coréia do Sul vive um momento denominado de *Hanryu* ou *Hallyu* (한류), termo que significa “onda coreana” e que define a explosão do interesse internacional pela cultura pop coreana (novelas, música, cinema, etc.)¹³. Apesar de terem iniciado suas carreiras antes do “boom” da *Hallyu*, podemos dizer que Yu Miri e Kaneshiro Kazuki refletem os elementos contidos neste movimento: linguagem contemporânea, consumismo, e um toque de singularidade. Todas essas características contribuem para que seus trabalhos sejam apreciados por pessoas que não se importam com etnias ou nacionalidades.

¹¹ Em 1993, durante a entrega do 37º Prêmio Kishida de drama, Yu Miri se tornou a autora mais jovem a recebê-lo por sua peça 魚の祭 (O festival do peixe) (Fonte: La Valse de Miri, site oficial).

¹² Wender, 2011, p.10.

¹³ Lie; Park, 2006, p. 56. Hanryu (em japonês - 韓流), Hallyu (em coreano - 한류).

4. Yu Miri: Uma Breve Biografia

Nascida em Yokohama no ano de 1968, Yu Miri pertence à segunda geração de coreanos residentes no Japão. Seus pais nasceram na Coreia e emigraram para o Japão ainda crianças, pouco antes do início da guerra entre as metades Sul e Norte daquele país. Mesmo com uma ascendência tão próxima, Yu não é capaz de escrever ou mesmo compreender a língua coreana. Ela conta que as poucas lembranças que tem da língua de seus pais são oriundas de suas memórias infantis, durante as conversas que ouvia seus pais terem um com o outro.

Sua infância e adolescência foram bastante conturbadas, marcadas pela violência familiar e pelo divórcio dos pais, quando ela e os três irmãos mais novos ainda eram crianças. Durante os anos em que cursava a escola, Yu Miri teve de enfrentar o preconceito dos outros estudantes que lhe agrediam através de *bullying* devido a sua origem. Todas essas circunstâncias, unidas a uma personalidade introvertida, acabaram criando uma jovem muito tímida e retraída, com fortes tendências ao suicídio. Tantas foram estas tentativas que a escola, sem saber como lidar com um caso tão delicado, decidiu por expulsá-la.

Logo após a expulsão, Yu Miri entrou para uma companhia de teatro, “Tôkyô Kid Brothers” (東京キッドブラザース) liderada por Higashi Yutaka¹⁴. Higashi lhe dizia que as experiências ruins que ela havia vivido no passado deveriam ser convertidas em pontos positivos para sua atuação nos palcos. Este encorajamento se tornou uma espécie de “ pilar de sustentação psicológica” e então, dois anos após o ingresso no grupo, a jovem Yu Miri encerrou sua carreira como atriz e passou a concentrar-se na criação de roteiros para peças dramáticas. Logo em seguida passou a escrever romances que tiveram o reconhecimento imediato da crítica.

A despeito dos outros autores *zainichi* anteriores, Yu Miri se tornou um fenômeno de vendas e de popularidade sendo vista não só como uma romancista, mas também como uma celebridade. Assim como muitos outros escritores famosos no Japão, atraiu a atenção da mídia sendo requisitada para

¹⁴ Weickgenannt, nota de rodapé nº2, P.13.

participações em programas de televisão, comerciais e aparecendo constantemente nas revistas de moda.

Segundo Weickgenannt, a provável causa para o sucesso de Yu Miri, quando comparada a seus antecessores, é a maior abrangência de temas em suas obras. A literatura produzida por *zainichi* tem como temas em comum a forte influência da história colonial, a situação política no Japão e nas duas Coreias, a questão da linguagem, diferenças culturais e discriminação. Em geral, os autores *zainichi* se colocam em uma posição fora da sociedade japonesa, favorecendo e idealizando a Coreia¹⁵.

Apesar de suas obras possuírem um fundo autobiográfico, ou seja, conterem experiências vividas pela própria autora, pessoas que conheceu, fatos sobre sua infância, família e até mesmo o nascimento de seu filho, Yu Miri foi a primeira autora *zainichi* a escrever de uma forma que todos no Japão, ao lerem os textos, possam se identificar. Não há nenhum cunho político-ideológico explícito, não há luta declarada contra o preconceito e nem idealização da Coreia como a terra natal. Em suas obras, nem ao menos a certeza da nacionalidade das personagens é exposta aos leitores. Os nomes escolhidos, assim como o próprio nome de Yu Miri, são nomes representados por ideogramas (*kanji*) que abrem a possibilidade de uma dupla leitura, ou seja, pode soar tanto como sendo um nome japonês, como coreano. Este estratagema, não é uma forma de negar ou mesmo esconder a sua origem, mas sim, uma forma de desviar o foco dos leitores. Uma vez que a autora nunca negou ou escondeu sua origem *zainichi*, os leitores poderiam transferir o conhecimento que têm de sua vida pessoal para as personagens dos romances.

Sobre esta estratégia de escrita, Yu Miri justifica-se dizendo:

Eu apenas não quero escrever romances que apenas lidem com os problemas dos coreanos no Japão simplesmente porque, se eu o fizer, a discussão a respeito do meu trabalho será posta exclusivamente dentro do contexto do discurso sobre *zainichi* e ninguém lerá meus textos como um relato individual das minhas experiências e emoções. Eu sou ambos,

¹⁵ Weickgenannt, 2007, p.4.

japonesa e coreana, e é exatamente dessa perspectiva que quero escrever.¹⁶

¹⁶ Bungakkai, 1997, p. 134 citado em Weickgenannt, p.04.

5. Full House (フルハウス)

5.1 – Resumo

Em *Full House*, conhecemos a fragmentada família Hayashi por meio de sua filha mais velha, Motomi. A história narrada se estende por pouco mais de um mês durante de verão no qual o pai de Motomi, Masaru, convida toda a família a se reunir na tentativa de morarem juntos de novo. Para isso, ele constrói especialmente uma nova e grande casa no distrito de Minatokita-ku em Tóquio. Porém, ao contrário do que ele esperava, ninguém se interessa. Sua ex-esposa, Kiyoko, que há muitos anos o havia deixado para morar com outro homem, recusa a proposta na última hora. Suas duas filhas, já mulheres adultas, prezando cada uma por sua individualidade, se recusam a voltar à casa dos pais.

Motomi, diante da insistência do pai, volta algumas vezes a esta casa. Certo dia, ao retornar, ela encontra uma família nova e totalmente desconhecida vivendo no local, porém totalmente consciente da existência de seu pai e sua família. Confusa, chega a confundi-los com possíveis parentes distantes dos quais não se lembrava, todavia, ao retornar, seu pai lhe informa que se tratava de uma família de desabrigados que ele decidiu hospedar para dar alguma utilidade à casa onde ninguém queria morar. Esta nova família era composta de um casal: Aida Keiichirou, sua esposa Fusae, e duas crianças, um menino energético e falante chamado Yoshiharu e uma menina retraída que aparentemente perdeu a habilidade de falar, chamada Kaoru.

Ao mesmo tempo em que começa a desenvolver uma relação próxima com a menina, Motomi começa a experimentar um sentimento de aversão em relação aos hóspedes. Apesar de presenciar cenas de aparente afeição e felicidade entre os membros dessa família, a produtora teatral sempre demonstra certa desconfiança, principalmente em relação a Keiichirou. Ela deseja vê-los longe dali, porém, sabe que se deixassem a casa não teriam para onde ir e a mesma continuaria vazia e sem utilidade.

Certa noite, enquanto Motomi e o pai assistem a uma queima de fogos juntamente com a outra família, um grupo de bombeiros aparece dizendo que havia uma chamada denunciando um incêndio naquela casa. Neste ponto,

Keiichirou pergunta se foi Yoshiharu quem telefonou e, sem nem ao menos obter uma resposta, começa a bater e a chutar o menino e só para após ser impedido pelos bombeiros. Enquanto discutem sobre quem tem responsabilidade sobre o que aconteceu, Kaoru ateia fogo nas cortinas e nos jornais que estavam na cozinha. Após o fogo ser controlado pelos Aida, Keiichirou deixa novamente sua natureza vir à tona e agride Kaoru com um tapa no rosto. Foi quando esta, pela segunda vez em todo conto, falou: “Vocês não vêem que tudo isso é uma mentira?”

O conto se encerra com Motomi perseguindo de bicicleta a menina que fugiu após ser agredida. Durante esta perseguição ela compreende que a única pessoa a entender com clareza tudo o que acontecia na casa era Kaoru. Depois de uma curva, a filha mais velha dos Hayashi cai e perde a criança de vista.

5.2 – Reflexos autobiográficos

Full House, assim como os demais trabalhos de Yu Miri, é permeado por elementos biográficos. A começar pela estrutura da família: os Hayashi, assim como a família da própria Yu Miri e várias outras famílias de diferentes histórias, há muito tempo fragmentou-se, principalmente, depois do divórcio dos pais. Do início ao final do conto temos a clara sensação de que não existe mais vínculo, exceto o de sangue, unindo essas pessoas.

父は崩壊した家族の絆をもう一同取り戻すために家を建てたのだろうが、私のなかではもうとっくに家族は完了してしまっているのだ。

(Talvez meu pai tenha construído a casa para restaurar os laços da nossa arruinada família, porém, dentro de mim, a família já esta encerrada há muito tempo.)¹⁷

De acordo com uma entrevista dada ao *The Chosun Ilbo*¹⁸ no caso do recebimento do prêmio Akutagawa em 1997, a família de Yu Miri foi

¹⁷ *Full House*, 1996, p.44, Tradução a partir do original.

¹⁸ *The Chosun Ilbo* (The Korea Daily News) é um dos maiores jornais em circulação na Coreia do Sul, também sendo publicado em versões online nos idiomas inglês, chinês e japonês.

fragmentada e marcada pelo comportamento e atividade de alguns membros. Desta forma, podemos considerar os membros da família Hayashi como referências para a sua própria família e que se repetem em diversos contos. A mãe que abandona o lar, o pai viciado em jogos (ou de alguma forma relacionado a eles), a irmã atriz pornô e a narradora envolvida com teatro. No caso de *Full House* a mãe, Kiyoko, começou a se afastar da família quando foi trabalhar como “hostess” em um prostíbulo e acaba por abandonar a família para viver com outro homem. O pai, Masaru, é o gerente de uma rede de *pachinko* e durante os anos do casamento, era um homem violento que agredia a esposa. O conto também deixa em aberto a suspeita de abuso sexual contra Motomi durante sua infância. A filha caçula, Youko, saiu de casa ainda adolescente em busca do sonho de se tornar uma estrela de televisão, porém acabou por se tornar uma atriz pornô. Depois de Kiyoko, que nunca aparece de fato no conto sendo apenas citada, Youko é o membro mais afastado do núcleo familiar. Ela aparece apenas quatro vezes, sendo uma delas apenas em um *flashback* de Motomi. Desde o início do conto ela é quem tem a postura mais firme e egoísta em relação a morar na nova casa.

Todas as personagens, exceto Masaru, demonstram um grande sentimento de indiferença com relação a esta falta de vínculo. Várias vezes durante o conto o próprio Masaru ou mesmo Motomi nos informa da falta de comunicação entre eles, apesar de todos morarem na mesma cidade, com frases como:

妹は昨晚数ヵ月ぶりに電話をかけてきた。

(Noite passada, após vários meses, minha irmã me ligou.) ¹⁹.

Por Motomi ser a narradora do conto, toda a sua falta de confiança em relação aos indivíduos e suas intenções, sua indecisão quanto ao destino da casa e mesmo as suspeitas que rondam sua mente, são passadas ao leitor. Diferentemente de Youko, que desde o princípio tem a mesma postura, Motomi fica sempre indecisa sobre viver naquele lugar e toda a situação a seu redor. Quando é perguntada pela primeira vez se ficará na casa, ela não dá uma

¹⁹ *Full House*, 1996, p.15, Tradução a partir do original.

resposta definitiva, apenas diz “às vezes”. Apesar de, mais tarde, dizer que não morará no local e que irá embora no dia seguinte, ela sempre retorna e permanece por certo tempo.

A família Aida, que nos é apresentada na metade do conto, é o elemento complicador. Antes de irem morar na casa, Motomi já havia decidido não retornar ao local. Desde a sua última visita já fazia quase um mês, e ela não retornaria se seu pai não os tivesse abrigado. Sua presença desde o início irrita Motomi que entra em uma espécie de conflito interno. Ela os queria longe dali, porém se eles se fossem, ninguém moraria na casa de qualquer modo.

De uma forma geral, durante todo o conto o elemento “família” é permeado de um sentimento de pessimismo e descrença. Apesar de os Aida aparentarem serem felizes, apesar das dificuldades, pequenos elementos observados por Motomi nos induzem a desconfiar dessa felicidade como apenas uma máscara para ocultar problemas maiores.

Com o decorrer da convivência com esta família, Motomi se aproxima principalmente da pequena Kaoru. Em uma das cenas, enquanto Motomi dá banho em Kaoru, ela encontra hematomas já um pouco antigos em seus flancos e quadril. Mais à frente, enquanto comem, Fusae diz que todos vão jantar fora e convida Motomi para ir junto. Antes de recusar, a produtora observa a atitude de Keiichirou que balançava o queixo da menina como se lhe transmitisse alguma mensagem.

Kaoru é a única pessoa da família por quem Motomi desenvolve certo afeto, apesar de a menina quase nunca falar e estar sempre quieta. Durante todo o conto, Kaoru só fala duas vezes. Da primeira vez, quando está sozinha em um parque com Motomi, ela diz com uma expressão séria no rosto:

チチ、キテ、キテ、テキ、チチ、チチ、キテ、イク、ク、ク、ク、
ク。。。。

(Pai, vem, vem, inimigo, pai, pai, vem, vai, sofrimento, sofrimento,
sofrimento, sofrimento...) ²⁰.

²⁰ *Full House*, 1996, p.80, tradução a partir o original.

Logo após esta fala, Kaoru foge e Motomi não tem tempo de refletir sobre o que foi dito pela menina. Apenas demonstra que não entendeu apenas como sílabas soltas, mas sim, como palavras. Não há como afirmar com certeza, visto que só temos como referência a visão de Motomi, mas o conto deixa implícito que Kaoru estaria sendo abusada por Keiichirou.

Perto da conclusão do conto, quando Youko fica sabendo sobre os Aida e retorna à casa com o objetivo de expulsá-los, Motomi observa Yoshiharu brincando com Keiichirou no lago de carpas utilizado como piscina:

男は少年の頭を池の水につっこんだりあげたりしていた。ふざけているのか折檻しているのかわからない。

(O homem afundava e levantava a cabeça do menino no lago. Não sei se estava brincando ou se o estava castigando.) ²¹.

A nacionalidade das personagens não é discutida em “Full House”, e mesmo que o fosse, não interferiria na trama do conto. Porém, da mesma forma como o faz em várias outras histórias, Yu Miri nos deixa essa questão em aberto. A profissão de Masaru, gerente de *pachinko*, que é uma profissão muito ligada aos *zainichi*²², e a forma como os nomes dos membros da família é escrita nos deixa pistas a respeito disso. Para melhor entendimento, cabe aqui uma breve explicação sobre a estrutura dos nomes de origem coreana.

Em sua maioria esmagadora, nomes completos em coreano são compostos por três sílabas, sendo possíveis, porém raros, os casos de duas ou quatro sílabas e inexistentes casos com número superior de sílabas. A primeira sílaba corresponde ao sobrenome e em seguida temos o nome do indivíduo. Antes de desenvolver seu alfabeto próprio, o *hangeul*, a Coreia, assim como o Japão, utilizava os *kanji* vindos da China. Conseqüentemente, é possível escrever estes nomes utilizando os caracteres chineses. Até os dias atuais, os nomes próprios coreanos são escritos tanto em *kanji*, chamado de *hanja*, quanto em *hangeul*, exceto pelos nomes de três sílabas considerados puramente coreanos e escritos apenas em *hangeul*. Neste caso apenas o sobrenome é escrito em *Hanja*. (Seo, 2003)

²¹ *Full House*, 1996, p.85, tradução a partir o original.

²² Wender, 2011, p.173.

Youko, Motomi, Masaru, Kiyoko e mesmo o sobrenome deles, Hayashi, são nomes que abrem possibilidade de dupla nacionalidade (coreana - japonesa), pois são nomes escritos com apenas três kanji e “Hayashi”, lido na língua da Coreia como “Lim”, é um sobrenome comum entre coreanos.

＜林 正兒、冽子、素美、洋子＞母の名前まで入っている。

(＜Hayashi Masaru, Kiyoko, Motomi, Youko＞ Até mesmo o nome de minha mãe estava posto.) ²³.

Outra marca das obras de Yu Miri é a sua temática forte que contém cenas explícitas de violência e sexo. “Full House” trata a violência em um âmbito delicado, o da família, porém com certa banalidade. As agressões contra a mulher, contra as crianças e violência sexual, são descritas com o mesmo nível de emoção que as cenas do filme pornô protagonizado por Youko.

Durante uma conversa sobre o motivo de Kiyoko ter deixado a família, Masaru se justifica:

わたしはきみたちを虐待したことはない。暴力をふるったのはあの女の母親にだけ、それも二回だけだ。

(Eu nunca abusei de vocês. Só usei de violência com aquela mulher, a mãe de vocês, e apenas duas vezes.) ²⁴

E Motomi reflete enquanto come:

私はチャーハンを口の運びながら記憶をたどり、母が殴られた数をかぞえた。スプーン一杯が、一回。

(Enquanto levava o arroz frito à boca, puxei pela memória, enumerei as vezes que minha mãe apanhou. Uma vez para cada colher cheia.) ²⁵

²³ *Full House*, 1996, p.17, tradução a partir do original.

²⁴ *Full House*, 1996, p.34, tradução a partir do original.

²⁵ *Full House*, 1996, p.34, tradução a partir do original.

Enquanto assiste ao filme protagonizado por sua irmã mais nova, Motomi repara nas pessoas ao redor. Meia dúzia de pessoas, entre elas um homem que come um hambúrguer enquanto assiste a cena na qual Youko é morta por yakuzas com um tiro em sua vagina. Esse homem sintetiza a banalidade da violência durante o conto. Não que esta tenha deixado de ser algo ruim, porém as pessoas passam a tratá-la como algo rotineiro que fatalmente acontece em todas as famílias e lugares.

6. Conclusão

A questão das minorias étnicas no Japão é um problema de identidade nacional. A identidade nacional japonesa, por sua vez, é um produto de um processo histórico de formação e reformulação do estado que ocorreu no decorrer de vários séculos dentro do contexto geopolítico asiático. O centro da concepção japonesa de identidade nacional é o mito de uma unidade em homogenia étnica, cultural e até mesmo psicológica. Este mito liga identidade nacional às questões étnicas no Japão contemporâneo e protege a sociedade de um conflito étnico aberto, pois, força as minorias, através de organizações que as representem, a escolherem entre negar sua identidade étnica ou padecer classificando-se como “os outros” ²⁶, ou seja, os “não japoneses”.

Coreanos e japoneses tem visões muito diferentes de mundo. São nações diferentes com línguas diferentes e culturas diferentes, porém, com um passado de conflitos em comum. Os indivíduos que vivem na indefinição, nem coreanos nem japoneses, tendem a entrar em conflito por não se acharem amparados por nenhum dos dois lados. A literatura foi um dos meios que estes indivíduos encontraram para expressar suas visões de sua própria situação social e fazer com que aqueles que desconhecem seu sofrimento, fiquem a par do que lhes acontece. Durante os anos da sua primeira geração, a Literatura *Zainichi* tinha como tema o regresso para a terra natal e a idealização da Coréia como lar. Porém nos últimos anos, os escritores mais jovens, apontam uma nova direção: se reconhecer como coreano, porém também como japonês. Não se colocar em um plano separado, mas também identificar-se como parte daquela sociedade, mesmo que de forma parcial.

No caso de Yu Miri, em particular, seu sucesso consiste na capacidade de trazer mais leitores para uma narrativa que trata da existência humana, sem referências diretas ao fato de se tratar de “uma coreana” ou “uma japonesa”. Suas obras abordam temas universais que levariam qualquer pessoa a se identificar com sua história. Tanto coreanos, como japoneses e até mesmo brasileiros podem viver em famílias destruídas, criar certa tolerância à violência

²⁶ Howell, 1996, p.171.

e, devido ao contexto no qual estão inseridos, passar a enxergá-la como algo não tão incomum. Devido às suas origens coreanas, Yu Miri se considera uma “sem pátria”, e, ao mesmo tempo, não deixa de ser crítica em relação à sociedade japonesa. Contudo, seus leitores japoneses amam a sua escrita, sobretudo pelo seu estilo único.

7. Bibliografia

Agência de Informação do Governo Coreano. "História", *FATOS SOBRE A CORÉIA*, Serviço Coreano de Informações para o Exterior, Seul, 2006, P. 09-49.

BUKH, Alexander. "Japan's History Textbooks Debate: National Identity in Narratives of Victimhood and Victimization", *ASIAN SURVEY*, Vol. 47, nº5, 2007, p.683-704, University of California Press, disponível em <<http://www.jstor.org/stable/10.1525/as.2007.47.5.683>> Acesso em 02/06/2011.

HOWELL, David L. "Ethnicity and culture in contemporary Japan", *JOURNAL OF CONTEMPORARY HISTORY*, Vol. 31, nº1, 1996, p.171-190, Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/261100>> Acesso em 25/03/2011.

KBS. "History of Korea", *KBS WORLD*, Disponível em <http://rki.kbs.co.kr/english/korea/korea_abouthistory.htm> Acesso em 30/06/11.

LIE, John; PARK, Myoungkyu. "South Korea in 2005: Economic Dynamism, Generational Conflicts, and Social Transformations", *ASIAN SURVEY*, Vol. 46, nº1, 2006, p.56-62, disponível em <<http://www.jstor.org/stable/10.1525/as.2006.46.1.56>> Acesso em 30/06/2011.

MERRIL, Katharine. "Certain structural peculiarities of the I-novel", *PMLA*, Vol. 13, Apêndices I e II, p.IV-IVI, Modern Language Association (MLA), Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/456170>>, Acesso em 07/06/2011.

SILVA, Altino Silveira; OMENA, Luciane Munhoz de; OMENA, Maria Aparecida Munhoz de. "Memórias de guerra: os testemunhos vivos das ex-escravas sexuais de origem coreana: KIM-GIBSON, Dai Sil. Silence Broken: Korean Comfort Women. Pakersburg: Mid-Prairie, 1999." *REVISTA ELETRÔNICA DE CRÍTICA E TEORIA DE LITERATURAS*, Artigos da seção livre, PPG-LET-UFRGS, Porto Alegre, Vol. 04, nº01, 2008.

SEO, Myung Jin. *FRIENDLY KOREA*, Disponível em <<http://www.prkorea.com/engnews/index.cgi?action=detail&number=380&thread=10r01>> Acesso em 30/06/11.

TAKENAGA, Beatriz Shizuko. "A divisão Histórica Japonesa", *ESTUDOS JAPONESSES*, nº 07, 1987, p.13.

WEICKGENANT, Kristina. "The Deemphasis of ethnicity: Images of Koreanness in the Works of the Japanese-Korean Author Yu Miri", *ELECTRONIC JOURNAL OF CONTEMPORARY JAPANESE STUDIES*, 2001, Disponível em: <<http://www.japanesestudies.org.uk/>> Acesso em: 24/02/2011.

WENDER, Melissa L., "Intoduction", *INTO THE LIGHT: AN ANTHOLOGY OF LITERATURE BY KOREANS IN JAPAN*, University of Hawai'i Press, 2011, p. 01-12.

WENDER, Melissa L., "Full House", *INTO THE LIGHT: AN ANTHOLOGY OF LITERATURE BY KOREANS IN JAPAN*, University of Hawai'i Press, 2011, p. 174-219.

YU, Miri. "Profile", *LA VALSE DE MIRI*, Disponível em: <<http://www.yu-miri.com>> Acesso em 30/06/2011.

YU, Miri. *FURU HAUSU*, Bunshun bunko, P. 09-93, 1996.

YU, Miri. Entrevistada por Park Hae-Hyun, "Yu Miri: Writing and Self-Discovery", *The Chosun Ilbo*, 1997.

8. Anexo Nº1 – *Full House* (Tradução por Melissa L. Wender, 2011)

9. Anexo Nº2 – フルハウス(Furu Hausu - Texto original, Yu Miri, 1996)